

OS QUADRINHOS ESTÃO NA ESCOLA? A INSERÇÃO DOS QUADRINHOS EM ESCOLAS PÚBLICAS URBANAS NO MUNICÍPIO DE SANTARÉM/PA

Robson dos Santos Oliveira¹
Douglas Mota Xavier de Lima²

Resumo

O objetivo geral do artigo é apresentar o mapeamento da inserção dos quadrinhos no acervo das bibliotecas/salas de leitura das escolas públicas urbanas do município de Santarém/PA. Foi realizada seleção das escolas a partir do Censo Escolar 2018 e trabalho de campo que considerou: a presença de profissional responsável pelo espaço; a organização e o acesso ao acervo; a existência de quadrinhos no acervo.

Palavras-chave: Quadrinhos. Educação Básica. Santarém/PA

Abstract

The general objective of the article is to present the mapping of the insertion of comics in the collection of libraries/reading rooms of urban public schools in the municipality of Santarém/PA. Schools were selected based on the 2018 School Census and fieldwork that considered: the presence of a professional responsible for the space; the organization and access to the collection; the existence of comics in the collection.

Keywords: Comics. Basic education. Santarem/PA

As histórias em quadrinhos (HQs) estão presentes no cotidiano de muitas pessoas ao redor do mundo e mesmo quem não é consumidor do produto provavelmente teve algum contato com as obras ou personagens em algum momento de sua vida, em especial com a multiplicação de produtos relacionados à cultura pop nas últimas décadas. Atualmente, os quadrinhos são obras de circulação e consumo mundial, dividindo espaço com outras mídias de massa, como o cinema. A força da inserção dos quadrinhos é tanta que a linguagem ganha espaço no meio escolar como um recurso de aprendizagem, estando presente nos livros didáticos e em avaliações de larga escala, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).³

¹Graduando do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), bolsista de iniciação científica (PIBIC) do projeto “A arte sequencial na sala de aula: o potencial pedagógico das histórias em quadrinhos”, com o plano de trabalho: Diagnóstico da inserção dos quadrinhos em escolas públicas urbanas do município de Santarém/PA (2019-2020).

²Professor adjunto do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF). Coordenador do projeto de pesquisa: A arte sequencial na sala de aula: o potencial pedagógico das histórias em quadrinhos. Coordenador do Legatio: Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em História Medieval e Ensino de História.

³CARVALHO, G. O. “Questões e Quadrinhos: o uso de histórias em quadrinhos no ENEM, em vestibulares e concursos”. In: *Anais da IV Semana de Integração da UEG*, Goiás, 2017, p. 677-687; RAMOS, P. “Histórias

Apesar disso, por muito tempo as HQs foram alvo de preconceito e rejeição no ambiente escolar. Tal postura, por vezes, considerava os quadrinhos como uma leitura de entretenimento, voltada exclusivamente para o público infantil, pouco contribuindo para a instrução dos jovens. Ademais, acreditava-se que o seu consumo causava preguiça mental ou influenciava de modo negativo o comportamento de crianças e adolescentes. O auge dessa rejeição ocorreu em 1950, com o lançamento do livro *A Sedução dos Inocentes*, de Fredric Wertham, no qual o psiquiatra apresentava as obras dos quadrinhos com alto poder de influência sobre o comportamento dos jovens, visão que dominou a imagem que se tinha sobre as obras, retraindo assim sua qualidade, produção e pautando seus conteúdos com base em códigos de ética conservadores.⁴

Todavia, mesmo com esse véu de desconfiança, desde a década de 1960 gradativamente os quadrinhos receberam mais atenção das camadas intelectuais e acadêmicas, sendo expressão desse movimento o estudo de Umberto Eco *Apocalípticos e integrados* (1964). As HQs também foram inseridas no meio escolar e, desde os anos de 1970 e 1980, surgiram os primeiros trabalhos acadêmicos sobre o potencial delas dentro do processo de ensino-aprendizagem. No Brasil, as HQs ganharam espaço do campo educacional, sobretudo, por intermédio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-1996), que deu maior margem para a diversidade de linguagens e produções artísticas no processo de ensino-aprendizagem.⁵

A partir da LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) viabilizaram ainda mais o caminho das HQs na escola, primeiramente pelas disciplinas de Língua Portuguesa e Artes, sendo os quadrinhos considerados como gênero literário. Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), insere as histórias em quadrinhos nos componentes Língua Portuguesa, Artes e Língua Inglesa e, talvez, tal presença poderá representar a ampliação dos quadrinhos na educação escolar. Outra medida do poder público que favoreceu a inserção dos quadrinhos na escola foi o Plano Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE), através do qual o governo selecionou e comprou obras das editoras para distribuição nas escolas. O Plano teve início no ano de 1997 e, a partir de 2006, os quadrinhos passaram a compor o conjunto de obras distribuídas, somando 126 obras entre 2006 e 2014.⁶ Diante desses dados, o PNBE foi encarado como fundamental para a oficialização dos quadrinhos no ambiente escolar.⁷

Todavia, como indicado no título do artigo, considera-se pertinente questionar se de fato as aquisições do PNBE estão presentes nas escolas atualmente e se estão sendo usadas pelos docentes e

em Quadrinhos na formação de professores: uma discussão necessária”. In: PEREIRA, S.; TOSCANO, M. (Eds.). **Literacia, Media e Cidadania**. Braga: CECS, 2015, p. 432-443.

⁴VERGUEIRO, W. “Uso das HQs no ensino”. In: RAMA, A; VERGUEIRO, W. (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p. 7-30.

⁵VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. “Os quadrinhos oficialmente na escola: dos PCN ao PNBE”. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na Educação**. Da rejeição à prática. São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 9-42.

⁶YAMAGUTI, V. “Os números do PNBE (2006-2014): a identificação dos quadrinhos nas escolas”. In: **Anais Eletrônicos das 4as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**, São Paulo, 2017.

⁷VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. “Os quadrinhos oficialmente na escola: dos PCN ao PNBE”. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na Educação**. Da rejeição à prática. São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 9-42.

alunos. Como argumentam Paiva e Ribeiro, ao declarar possuir uma biblioteca, a escola não descreve seu acervo, quais obras e quantidades possui e nem mesmo as condições de instalação e uso do ambiente. Para os autores, considerando que todas as escolas com biblioteca cadastradas no Censo Escolas receberam os livros do PNBE, é possível afirmar que tais escolas têm em seu acervo livros de histórias em quadrinhos, tornando possível a aplicação destes nos processos educativos⁸. Os apontamentos oferecem com clareza os caminhos da problematização que orientará o presente artigo.

As investigações sobre os quadrinhos na educação têm se concentrado na perspectiva de fornecer uma alfabetização na linguagem dos quadrinhos aos docentes⁹ e oferecer subsídios para o uso dos quadrinhos na educação, seja em áreas específicas, seja em questões gerais, como práticas de leitura, construção de gibitecas e a condução de atividades em salas de leitura.¹⁰ Sem desconsiderar essas contribuições, a presente pesquisa se propõe a questionar um problema anterior à orientação aos docentes acerca do uso dos quadrinhos, investigando se as escolas públicas de Santarém/PA realmente dispõem de HQs em seus acervos. Afinal, a identificação de quadrinhos nos acervos poderá subsidiar ações de formação continuada que promovam a nona arte, enquanto a inexistência delas pode criar desafios ainda maiores para a implementação de práticas de ensino relacionadas aos quadrinhos.

O Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e os quadrinhos

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi um programa elaborado e executado pelo governo a partir de 1997. Objetivou a promoção da cultura e leitura por meio de acervos constituídos de obras compradas pelo governo federal sendo direcionadas para alunos e professores da rede pública. A premissa do programa foi atuar de modo abrangente e de forma gratuita nas escolas públicas de educação básica, com as escolas que compõem a rede devendo estar cadastradas no Censo Escolar, um cadastro feito por intermédio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

As obras inscritas passavam por um processo de avaliação por especialistas na área de conhecimento específica de cada ciclo. Todo esse processo ocorreu de acordo com editais disponibilizados pelo PNBE. Depois de avaliados, se aprovados, os materiais selecionados partiam para o processo de construção de coleções e eram direcionados para as escolas. O PNBE se dividiu em três ações: PNBE literário, que distribuiu obras literárias compostas por textos em prosa: novelas, contos, memórias, biografias e teatro; em verso: poemas, cantigas, parlendas e adivinhas; e livros de

⁸PAIVA, F. S.; RIBEIRO, E. N. “As imagens dos quadrinhos: aplicações e dificuldades no uso educacional”. **Revista Intersaberes**, vol. 12, n.25, 2017, p.46-59.

⁹VERGUEIRO, W. “A linguagem dos quadrinhos. Uma “alfabetização” necessária”. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p. 31-64.

¹⁰LUYTEN, S. B. (org.). **Histórias em quadrinhos. Leitura crítica**. São Paulo: Paulinas, 1985; LIMA, D. M. X. de. “Histórias em quadrinhos e ensino de história”. **Revista História Hoje**, v. 6, n.11, p. 147-171, 2017. Ver ainda os capítulos de: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

imagens e livros em quadrinhos – dimensão que ocorreu somente a partir de 2006; PNBE periódicos, que direcionou periódicos de cunho didático para Educação Infantil e o Ensino Fundamental e Médio; por fim, PNBE do Professor, com a finalidade voltada para a prática pedagógica, adquirindo obras teóricas e metodológicas para os professores da Educação Básica e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Recentemente, por meio do decreto n.9.099/2017, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foram unificados num único programa governamental, criando a nomenclatura: Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). O novo programa teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias, dividindo-se em obras pedagógicas, *softwares* e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, entre outros.

A breve descrição do programa com suas finalidades, público-alvo e histórico se faz importante para se ter conhecimento mais amplo da importância que ele possuiu e quão vasto foi, assim, favorecendo a análise da situação do processo de inserção das histórias em quadrinhos no ambiente escolar. Segundo dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (2016), de 1998 a 2000, o PNBE atuou voltado para o Ensino Fundamental, com obras sobre História do Brasil, literatura infanto-juvenil e materiais pedagógicos para professores. Foram comprados e distribuídos por volta de 324 livros. De 2001 a 2004, recebeu o nome de Leitura em Minha Casa, construía de 6 a 8 coleções de livros de poesia brasileira, conto, novela, clássicos literários e teatro, e distribuía as obras para alunos que ficariam com a posse delas de forma permanente. Ao todo foram disponibilizados 304 títulos nesses anos.

O que promoveu a entrada das HQs nas escolas foi a ampliação do programa instaurada no ano de 2005, que influenciou o PNBE 2006. Nesse edital, foi estabelecida a compra de obras em quadrinhos, com a prioridade em títulos relacionados a adaptações literárias. O acervo foi formado por 225 obras de poesia, contos, novelas, crônicas e livros de imagens, e desses, onze (11) foram quadrinhos, ou seja, 4,8% do acervo foi composto por HQs. Assim, a partir do PNBE 2006, as histórias em quadrinhos figuraram nos acervos elaborados e enviados para as escolas públicas, apesar de, nesse primeiro momento, as obras selecionadas serem direcionadas a adaptação de textos clássicos da literatura mundial.¹¹

Em linhas gerais, ao longo dos anos a orientação do programa favoreceu as adaptações literárias, mas passou a agregar um número cada vez maior de obras em quadrinhos, tanto para o Ensino Fundamental, como para o Ensino Médio e EJA.¹² A partir dos dados do PNBE, é possível indicar que os quadrinhos estão nas escolas brasileiras – ou deveriam estar –, constituindo o acervo das bibliotecas/salas de leitura da Educação Básica do país. Contudo, apesar do empenho de

¹¹YAMAGUTI, V. “As adaptações literárias em quadrinhos selecionadas pelo PNBE: soluções e problemas na sala de aula”. *Olh@res*, Guarulhos, v.2, n.1, p. 441-459, maio 2014; VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. “Os quadrinhos oficialmente na escola: dos PCN ao PNBE”. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na Educação. Da rejeição à prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 9-42.

¹²RAMOS, P. **Revolução do gibi. A nova cara dos quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Devir, 2012.

educadores, do incentivo curricular e da compra e distribuição de quadrinhos para as escolas, a utilização das HQs na educação ainda necessita ser efetivada, posto que: “Ter álbuns e revistas de quadrinhos disponíveis na sala de aula ou nas bibliotecas escolares não implica, necessariamente, no uso correto do material por parte dos professores”.¹³

Mais do que a questão do uso “correto” dos quadrinhos na educação, prefere-se acentuar o fato de que políticas como o PNBE garantiram, ainda que de modo parcial, somente a disponibilidade física dos livros, entre eles de HQs, nas escolas. No entanto, a disponibilidade dos quadrinhos não se confunde com o acesso aos materiais, visto que tal dimensão envolve centralmente o uso, que pode ser direcionado e planejado pelos professores ou profissionais da sala de leitura, no sentido da citação, ou apenas um uso livre, aberto e descomprometido por parte do estudante que frequenta a biblioteca escolar/sala de leitura. Em ambos os casos, a questão do uso é fundamental para garantir o acesso e efetivar políticas públicas de disponibilização e incentivo à leitura.

A partir dessas preocupações, iniciou-se uma investigação de iniciação científica acerca da inserção dos quadrinhos nas escolas públicas de Santarém/PA, pautada no mapeamento da presença das histórias em quadrinhos no acervo das escolas, na identificação dos usos pedagógicos dos quadrinhos no ambiente escolar e das possíveis dificuldades enfrentadas para a inserção das HQs por parte dos docentes. Em 2020, a pesquisa concentrou-se no primeiro contato com as escolas, experiência que resultou em importantes percepções acerca dos acervos, indícios que redirecionaram o andamento da investigação.

Os quadrinhos nas escolas de Santarém/PA

Santarém é a terceira cidade mais populosa do estado do Pará e referência para a região do Baixo Amazonas e Tapajós. Segundo os dados do Censo Escolar do Ministério da Educação (2018), banco de dados de acesso público, Santarém tem 500 escolas em atividade. Para a referida pesquisa realizaram-se dois filtros iniciais: seleção de escolas públicas municipais, estaduais e federais, recorte que totalizou 451 escolas (90,2%); e, em seguida, a divisão entre escolas urbanas e escolas rurais, somando 125 unidades urbanas (27,7%) e 326 rurais (72,3%). Por conveniência, sobretudo de acesso, delimitou-se o estudo para escolas urbanas com biblioteca ou sala de leitura, chegando ao total de 59 escolas (47,2%).

A opção orientou-se pela compreensão de que a importância da biblioteca escolar ou da sala de leitura vai bem além de um simples espaço que sirva como depósito de livros. Entende-se que o local deve estar comprometido com o desenvolvimento pleno do currículo escolar, possibilitando que os professores possam utilizar o espaço e o acervo como um meio de instigar a leitura e o trabalho interdisciplinar, não objetivando apenas preencher momentos ociosos. Avalia-se que o trabalho com

¹³SANTOS, R. E. dos; VERGUEIRO, W. “Histórias em Quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática”. *Eccos – Revista Científica*, São Paulo, n.27, p. 81-95, jan./abr. 2012, p. 84.

quadrinhos no ambiente escolar passa diretamente, mesmo que não exclusivamente, pelo uso do espaço da biblioteca/sala de leitura e uso do acervo. Para isso, um pressuposto é a necessidade de os professores, bibliotecários/responsáveis e diretores conhecerem verdadeiramente suas bibliotecas/salas de leitura para um trabalho satisfatório.

Dito isso, com os dados desse primeiro recorte é possível afirmar que a maior parte das escolas públicas da cidade não tem biblioteca ou sala de leitura. Esse fator indica as significativas limitações ao trabalho escolar com o acervo textual, seja de quadrinhos, seja de outras obras. Como argumentam Amato e Garcia, a biblioteca escolar é um recurso indispensável para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e formação do educando. Para as autoras: “uma escola sem biblioteca é uma instituição incompleta, e uma biblioteca não orientada para um trabalho escolar dinâmico torna-se instrumento estático e improdutivo dentro desse contexto”.¹⁴ Essa perspectiva auxiliará na compreensão dos dados a serem expostos a seguir e faz sobressair o difícil cenário encontrado na cidade de Santarém, que além do reduzido número de bibliotecas/salas de leitura nas escolas públicas dispõe de poucas bibliotecas públicas e centros culturais para a população.

A amostra do presente estudo baseou-se em 10% das escolas com biblioteca ou sala de leitura (6 escolas), visitadas entre os meses de fevereiro e abril de 2020. Um conjunto de variáveis foi observado nas visitas: a existência de bibliotecas/salas de leitura ativas; a presença de profissional responsável pelo espaço; a organização e o acesso ao acervo; a existência de quadrinhos no acervo. Com base no levantamento observou-se que, no geral, as escolas visitadas apresentavam diversos problemas em relação às bibliotecas/salas de leitura. O principal deles é o conflito de informação entre os dados disponíveis no Censo Escolar – informação repassada pelas próprias escolas ao Ministério da Educação – e a realidade local. Destarte, apesar de constar no Censo Escolar a referência de biblioteca/sala de leitura ativas em todas as seis escolas da seleção, duas escolas não possuem biblioteca, em uma escola a biblioteca foi transformada em sala de aula e em outra foi adaptada para sala dos professores.

Em três escolas a visita precisou ser marcada com o diretor, pois as salas estavam desativadas ou não possuíam um responsável. Nas duas escolas visitadas que possuíam um responsável pelo local, esses eram professores que cumpriam parte da carga horária no espaço. Somente em uma escola visitada havia uma responsável que trabalhava integralmente na biblioteca/sala de leitura, profissional com formação em Pedagogia. No geral, notou-se que existem espaços sem manutenção ou conhecimento dos livros que fazem parte do acervo escolar.

Em quatro das seis escolas, o movimento de alunos era escasso, sendo a biblioteca utilizada somente para distribuição e guarda de livros didáticos, informação dada pelo responsável do espaço. Nas duas restantes, o movimento de alunos era mais frequente e vale destacar uma diferença relevante: uma escola faz o controle de empréstimos dos livros, enquanto a outra escola não faz. Ademais,

¹⁴AMATO, M.; GARCIA, N. R. “A biblioteca na escola”. In: GARCIA, E. G. (org.). **Biblioteca escolar. Estrutura e funcionamento**. São Paulo: Edições Loyola, 2ª edição, 1998, p. 11.

destaca-se que entre as escolas em que não havia um responsável pelo lugar, a biblioteca/sala de leitura tinha acesso livre, circunstância que, possivelmente, potencializa o extravio das obras dos acervos. Nesse cenário, evidenciou-se que em duas escolas os livros recebidos do Ministério da Educação ainda estão dentro das caixas por vários motivos, dentre eles: falta de espaço, medo do extravio ou mesmo falta de conhecimento de seu conteúdo e de como trabalhá-los. Os dois únicos responsáveis das duas escolas também indicaram que, por vezes, os livros que o governo direciona não chegam à escola.

Ademais, constatou-se que nas escolas com bibliotecas/sala de leitura, no geral, não existe uma proposta de atividade no local, ficando o tempo livre para que o aluno faça a leitura que desejar. No entanto, identificou-se que em uma escola a professora de língua portuguesa leva seus alunos com uma proposta de ensino tendo a leitura como ferramenta, mas ela declarou não usar HQs. Especificamente sobre HQs, os responsáveis pelas bibliotecas/salas de leitura informaram não saber da existência delas nos acervos. Nesse sentido, nota-se, preliminarmente, um problema que envolve tanto a disponibilidade como os possíveis usos dos quadrinhos. Em linhas gerais, com os dados disponíveis no mapeamento, pode-se afirmar que os quadrinhos não estão presentes nas escolas públicas urbanas de Santarém.

Considerações finais

Os estudos sobre histórias em quadrinhos na educação indicam que os quadrinhos estão nas escolas, em virtude de anos de políticas públicas de aquisição e distribuição de obras, assim, é mister investir na capacitação dos docentes para o trabalho com os quadrinhos. Contudo, a pesquisa realizada na cidade de Santarém/PA, preliminarmente evidencia a indisponibilidade dos quadrinhos nas escolas, seja por falta de organização, extravio, não recebimento das obras distribuídas pelo PNBE ou outros fatores.

A partir do mapeamento realizado na pesquisa, que inicialmente visava subsidiar ações futuras junto aos docentes com base nos acervos locais e relacionadas às práticas de ensino, observou-se: conflito entre os dados do Censo Escolar e a realidade das escolas, com quatro escolas não estando com suas bibliotecas/salas de leitura ativas; problemas em relação ao espaço físico, visto que em duas escolas as bibliotecas/sala de leitura viraram salas de aula, em outra foi transformada em sala dos professores e em outra estava desativada por não possuir um responsável para manutenção do local.

Esse cenário se agrava em Santarém, uma cidade de aproximadamente 300 mil habitantes no interior da Amazônia, que dispõe de poucas bibliotecas públicas, centros culturais, casas de cultura, cenário igualmente limitado considerando o reduzido número de livrarias e bibliotecas privadas. A maior parte dos estudantes da cidade dependem da escola pública que, em geral, não dispõe de biblioteca/salas de leitura. Possivelmente, esse estudante apresenta maior dificuldade de consumir/acessar materiais complementares a sua formação, sendo assim, a biblioteca/a sala de leitura

amplia seu papel na formação desses alunos. O mapeamento acentua esse problema, indicando que mesmo as escolas com tais espaços, por vezes, não os têm em atividade ou funcionamento adequado.

A pesquisa apontou que os números estatísticos por vezes não condizem com a realidade verificada. Considerando apenas os dados do PNBE, imaginava-se um panorama que não se concretizou no contato direto com o ambiente escolar. Notaram-se limitações quanto aos espaços de leitura, falta de profissionais, falta de manuseio com os materiais e até mesmo zelo pelo acervo. Dificuldades que foram desde um simples agendamento para uma visita chegando até a falta de organização do espaço ou mesmo falta dos materiais.

Em síntese, para se pensar no uso de histórias em quadrinhos na educação básica, é preciso inicialmente orientar o foco para um trabalho anterior com textos e com o uso de acervos textuais nas escolas. A partir dos dados da pesquisa, pode-se afirmar que a inexistência de acervos, a desorganização dos materiais ou simplesmente a não utilização das obras, criam barreiras para quaisquer propostas acerca do uso de quadrinhos no ensino e aprendizagem. Portanto, resta um longo caminho para podermos afirmar que finalmente os quadrinhos chegaram às escolas de Santarém.